

Brasil recupera-se no fim de 83, diz Chemical

NOVA YORK — A recuperação da economia brasileira não poderá ter início antes do final de 1983, por causa das novas medidas de austeridade adotadas pelo governo nas últimas semanas, segundo a previsão do Departamento de Pesquisas Econômicas do banco norte-americano Chemical Bank.

O estudo divulgado ontem, assinado pelo vice-presidente adjunto do banco, Vernon Alden, afirma que essas medidas deverão reduzir a inflação do próximo ano a menos de 100%, "mas também terão o efeito de provocar um aumento substancial no número de quebras de empresas". Estima, ainda, que a produção industrial diminuirá consideravelmente, porém, a agricultura e o setor de serviços terão um crescimento moderado.

Segundo o banco, este ano o Brasil registrará uma taxa de crescimento econômico zero ou "ligeiramente negativa", além de uma aceleração do processo inflacionário, que levaria o Índice de Preços ao Consumidor a cerca de 105% (até setembro, a inflação de 12 meses era de 95,1%).

A instituição explica que a política de austeridade econômica do governo brasileiro foi ditada pela drástica redução das exportações e do fluxo de créditos externos, que geraram uma grande queda nas reservas cambiais do País, principalmente nas primeiras semanas de setembro. Acrescenta que as novas medidas — entre as quais maiores restrições à importação e ao crédito interno — possibilitarão alcançar, ainda em 82, um superávit comercial de US\$ 800 milhões e conter o déficit em conta corrente do balanço de pagamentos em torno de US\$ 13,5 bilhões.

O estudo enfatiza que, em 1983, para continuar reduzindo esse déficit, o Brasil

manterá a política de restrição às importações, o programa de minidesvalorizações cambiais e o corte de 3 a 4% nos gastos das empresas estatais. Tudo isso deverá provocar, de acordo com o Chemical Bank, uma diminuição de 11% nas compras do Exterior, que fechariam o ano em US\$ 18 bilhões (a meta fixada pelo governo é de US\$ 17 bilhões) e um superávit comercial de US\$ 4,5 bilhões (US\$ 6 bilhões, segundo os parâmetros determinados na última reunião do Conselho Monetário Nacional).

Lembra que a queda das taxas de juros no mercado financeiro internacional reduzirá o custo da dívida externa brasileira, o banco salienta que, em 1983, o déficit em conta corrente do balanço de pagamentos deverá ficar em US\$ 8,5 bilhões (o governo espera US\$ 8,9 bilhões), diminuindo assim as necessidades de financiamento externo a cerca de US\$ 7,5 bilhões (a captação externa para o próximo ano está fixada em US\$ 10,6 bilhões), "que, aliás, é o máximo que o Brasil poderá obter, dada a retração dos pequenos bancos internacionais em relação ao Brasil e os limites adotados pelos grandes".

"Sem dúvida, a esperada recuperação econômica dos Estados Unidos e de outros países industrializados deverá começar a aliviar os problemas brasileiros no final de 1983, tornando possível um aumento das exportações capaz de deter e até inverter o atual processo de deterioração dos termos de intercâmbio do País", conclui o estudo.

PREVISÕES DO CHASE

Os países industrializados membros da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômicos (OCDE) — Japão, Alemanha Ocidental, França, Itá-

lia, Grã-Bretanha, Holanda, Bélgica, Suécia, Espanha, Canadá e Estados Unidos — terão um crescimento econômico médio de 2,5%, em 1983. No mesmo ano, as nações do Extremo Oriente (Austrália, Hongkong, Índia, Indonésia, Coréia do Sul, Malásia, Filipinas, Cingapura, Taiwan e Tailândia) experimentarão uma expansão média de 5,5% do PIB, contrastando com uma queda de cerca de 3% no produto da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru, Paraguai e Venezuela).

Essa é a previsão da Chase Econometrics, subsidiária do Chase Manhattan Bank de Nova York, que calculou, ainda, para o próximo ano, uma taxa de inflação média de 6,5% para as nações da OCDE, de 9% para as do Extremo Oriente e um aumento (não especificado) do índice inflacionário da América Latina.

Em relação a 1982, a Chase Econometrics estima que "a baixa da inflação e das taxas de juros estão preparando o cenário para uma modesta recuperação do crescimento nos países industrializados e para um certo alívio nas pressões sobre o serviço da dívida do mundo em desenvolvimento".

Este ano, diz o estudo da Chase, o Produto Nacional Bruto da OCDE não aumentará, depois de ter crescimento ao redor de 1,5% somente em 1980 e 1981; o da América Latina declinará em torno de 1% e o do Extremo Oriente deverá ter uma expansão de cerca de 4%. Por sua vez, as taxas de inflação baixarão substancialmente — em torno de 3% — em comparação com 1981, tanto na OCDE quanto no Extremo Oriente, mas a inflação latino-americana, alimentada por grandes desvalorizações das divisas, aumentará quase 10%.